

ESCOLA DE GUERRA NAVAL

CC (FN) FÁBIO DE SOUSA BORGES

A REVOLTA ÁRABE (1916-1918):

Uma análise das ações das tropas Turco-Otomanas com a Teoria de contrainsurgência de David Kilcullen, no que tange ao apoio popular.

Rio de Janeiro

2023

CC (FN) FÁBIO DE SOUSA BORGES

A REVOLTA ÁRABE (1916-1918):

Uma análise das ações das tropas Turco-Otomanas com a Teoria de contrainsurgência de David Kilcullen, no que tange ao apoio popular.

Dissertação apresentada à Escola de Guerra Naval, como requisito parcial para conclusão do Curso de Estado-Maior para Oficiais Superiores.

Orientador: CF José Fernando Barboza dos Santos

Rio de Janeiro
Escola de Guerra Naval
2023

DECLARAÇÃO DA NÃO EXISTÊNCIA DE APROPRIAÇÃO INTELECTUAL IRREGULAR

Declaro que este trabalho acadêmico: a) corresponde ao resultado de investigação por mim desenvolvida, enquanto discente da Escola de Guerra Naval (EGN); b) é um trabalho original, ou seja, que não foi por mim anteriormente utilizado para fins acadêmicos ou quaisquer outros; c) é inédito, isto é, não foi ainda objeto de publicação; e d) é de minha integral e exclusiva autoria.

Declaro também que tenho ciência de que a utilização de ideias ou palavras de autoria de outrem, sem a devida identificação da fonte, e o uso de recursos de inteligência artificial no processo de escrita constituem grave falta ética, moral, legal e disciplinar. Ademais, assumo o compromisso de que este trabalho possa, a qualquer tempo, ser analisado para verificação de sua originalidade e ineditismo, por meio de ferramentas de detecção de similaridades ou por profissionais qualificados.

Os direitos morais e patrimoniais deste trabalho acadêmico, nos termos da Lei 9.610/1998, pertencem ao seu Autor, sendo vedado o uso comercial sem prévia autorização. É permitida a transcrição parcial de textos do trabalho, ou mencioná-los, para comentários e citações, desde que seja feita a referência bibliográfica completa.

Os conceitos e ideias expressas neste trabalho acadêmico são de responsabilidade do Autor e não retratam qualquer orientação institucional da EGN ou da Marinha do Brasil.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, inicialmente, à minha família. Minha esposa Márcia Cristina e meus filhos, Lucas e Elisa, pelo apoio incondicional e a compreensão dos momentos de ausência. Sem vocês nenhuma conquista seria possível. Amo vocês.

Aos meus pais, Paulo e Idalina, a quem eu devo a vida por ser quem eu sou. Agradeço o suporte de sempre, a educação que me proporcionaram e o senso de honestidade.

Ao meu orientador CF José Fernando Barboza dos Santos, agradeço a paciência e os ensinamentos que foram fundamentais para a construção do conhecimento e da mentalidade de pesquisa. Saiba que suas orientações foram fundamentais para o desenvolvimento deste trabalho.

Aos meus amigos de turma Capitães de Corveta (FN) Carneiro, Ronan, Vinícius, Helcio e Lourenço que me acompanharam e incentivaram na jornada difícil que foi chegar até aqui, agradeço o privilégio de poder estar com vocês.

Aos meus companheiros de camarote da Escola Naval Capitães de Corveta (IM) Cardoso, Henriques e Capitão de Corveta (FN) Vinícius Souza, agradeço a oportunidade de poder compartilhar a jornada da vida com vocês.

E, enfim, a todos que direta e indiretamente contribuíram para todas as minhas conquistas na vida, o meu muito obrigado.

RESUMO

Esta dissertação tem como objetivo analisar a aderência da teoria de contrainsurgência de David Kilcullen, no que tange ao apoio popular, com ações realizadas pelo exército Turco-Otomano, por ocasião da Revolta Árabe (1916 – 1918). A relevância deste trabalho reside no fato de que guerras irregulares estão constantemente presentes nos conflitos, desde à antiguidade até à atualidade. Com isso, é importante para a Marinha do Brasil a atualização dos conhecimentos em tal assunto. É examinado a grande influência dos insurgentes sobre a população local, fator preponderante para a vitória dos árabes. Analisa-se as ações tomadas por uma tropa convencional para se contrapor aos rebeldes. Com base nestas ações, avalia-se a não aderência das ações das tropas contrainsurgentes com a teoria de Kilcullen, no que tange ao apoio popular. Conclui-se que tais ações não tiveram aderência com a teoria, observando-se que os otomanos tentaram se opor a elementos não convencionais com métodos convencionais. A pesquisa permitiu constatar a grande relevância da população local, expondo a complexidade que é para obter o apoio da população, além da operação basilar da guerra de contrainsurgência, as operações de inteligência. Sem a percepção do cotidiano da população e a identificação das lideranças locais, torna-se extremamente difícil angariar a confiança popular e realizar operações eficazes que levem ao povo uma sensação de segurança, além de motivá-los a apoiar um governo legítimo.

Palavras-chave: Revolta Árabe. Contrainsurgência. David Kilcullen. Exército turco-otomano.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Península Arábica	45
Figura 2 - Ascensão do Império Otomano.....	46
Figura 3 - Península Arábica - Ferrovia do Hejaz	47
Figura 4 - Elementos da superfície e abaixo de uma insurgência	48

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	7
2	TEORIA DE DAVID KILCULLEN	9
2.1	O QUE É CONTRAINSURGÊNCIA?	9
2.2	ANÁLISE DO AMBIENTE HUMANO	11
2.3	BASES DE UM MOVIMENTO INSURGENTE: A BUSCA DO APOIO POPULAR.....	14
3	A REVOLTA ÁRABE (1916 - 1918)	21
3.1	A ORIGEM DA REVOLTA	21
3.2	OS PENSAMENTOS DE THOMAS EDWARD LAWRENCE	24
3.3	OS PLANOS REBELDES.....	26
4	APLICAÇÃO DA TEORIA	35
5	CONCLUSÃO	40
	REFERÊNCIAS	43
	ANEXOS	45

1 INTRODUÇÃO

Durante o período da Primeira Guerra Mundial (1914-1918), muitas contestações territoriais ocorreram devido à divisão dos países de acordo com os interesses dos colonizadores, sem respeitar a etnia de cada povo. Este arbítrio gerou perturbações como imposição de governos com culturas e costumes diferentes do povo.

Desta forma, um dos exemplos da trama supracitada foi a Revolta Árabe, ocorrida entre 1916 e 1918, na Península Arábica. O Império Turco-Otomano atingiu uma imensidão de terras que, para mantê-las, teve dificuldade. Implementou um governo turco em terras árabes, impondo seus costumes e suas leis, gerando uma insatisfação da sociedade. Em cada região havia um governador turco, com diversos árabes corrompidos trabalhando para o governo. Estes árabes eram considerados traidores. Além disso, não respeitaram os líderes locais, colocando-os em posições sem prestígio, afetando diretamente o orgulho da população.

Com toda a conjuntura da Guerra Mundial, os árabes receberam o apoio da Grã-Bretanha, país rival no conflito mundial, que passaram a financiar uma insurgência para a retirada dos turcos do governo. A grande percepção britânica foi não enviar tropas para compor um contingente com o intuito de conquistar a península. Assim, preservaram um sentimento nacionalista e nutriram a percepção que todos estavam lutando por uma causa árabe. Dessa maneira, empregaram de forma não convencional os insurgentes, preservando a característica de cada tribo, mantendo esta divisão e realizando ataques com pequenos grupos, desgastando as tropas convencionais otomanas, degradando seu fluxo logístico. Por conseguinte, uma grande tropa, com inúmeros militares e excelentes equipamentos, foi derrotada por um grupo menor.

Diante do exposto, o intuito deste trabalho é analisar os motivos que levaram as tropas contrainsurgentes turcas à derrota na Revolta Árabe (1916-1918), com ênfase nos aspectos relacionados com o apoio da população, utilizando a pesquisa comparativa com a teoria. Para dar sustentação à referida comparação, será verificado se as ações otomanas não tiveram aderência com a Teoria de Contrainsurgência de David Kilcullen, principal autor do Manual de Contrainsurgência dos Estados Unidos da América (EUA).

Para atingir o propósito, o trabalho foi dividido em quatro capítulos. Após a presente introdução, no segundo capítulo será abordada a Teoria de Contrainsurgência de David

Kilcullen, focando nos aspectos relacionados ao apoio da população e todas as ações necessárias para obtê-lo, entendendo o que é uma contrainsurgência e as características do ambiente humano, que se faz imprescindível para a execução das referidas ações.

No terceiro capítulo será feita a abordagem da Revolta Árabe, apresentando as características da sociedade árabe e do governo turco e suas tropas na Península Arábica. Além disso, será descrito um antecedente histórico, com as razões que levaram ao conflito. Após isso, será contextualizado os acontecimentos mundiais da época, como a Primeira Guerra Mundial. Tal conflito foi fundamental para a definição dos rumos da revolta, pois os insurgentes receberam o financiamento e apoio dos britânicos, um dos países opositores da Turquia na desordem mundial.

Já no quarto capítulo, será realizada a comparação entre a teoria e o conflito, de forma a identificar se as ações tomadas pelas tropas contrainsurgentes, abordadas na descrição histórica, tem ou não aderência com a teoria de David Kilcullen, no que tange à busca do apoio da população.

Por fim, no capítulo final, será realizada uma conclusão acerca da pesquisa realizada, além de possíveis linhas de pesquisa que não foram possíveis abordar neste trabalho. Ademais, tendo em vista a relevância do assunto para a Marinha do Brasil, serão abordadas suas implicações, pois é um tipo de conflito presente atualmente, tanto na esfera doméstica como internacional, e de difícil resolução. Sendo assim, será iniciada a pesquisa com a abordagem do modelo teórico de David Kilcullen, no que diz respeito à busca do apoio da população.

2 TEORIA DE DAVID KILCULLEN

Este capítulo tem como objetivo desenvolver um dos principais conceitos referentes à teoria de contrainsurgência de David Kilcullen¹, o apoio popular. Será abordado como uma força regular poderá se contrapor, de maneira eficiente e eficaz, a um oponente de difícil identificação, porém organizado. Para tanto, o capítulo está estruturado em três seções. Na primeira seção o foco é entender o conceito de contrainsurgência. Na seção seguinte ilustra-se a importância da análise das pessoas, qual seja o ambiente humano. Por fim, na terceira seção descreve-se o principal pilar de sustentação de um movimento insurgente, o apoio popular.

2.1 O que é contrainsurgência?

Segundo Kilcullen (2010), embora a maioria das instituições militares considerarem a insurgência² como “irregular” ou “não convencional”, ela está presente na maioria dos conflitos ao longo da história. Sendo a forma de guerra mais difundida no mundo, esteve presente em quase todas as sociedades conhecidas.

Assim sendo, a insurgência é irregular não pelo sentido de ser incomum, mas sim, por não seguir as regras, as quais são estabelecidas pelos Estados-Nação. Dessa forma, será sempre a melhor opção para grupos armados não-estatais e outros que não tem nada a ganhar ao seguir as regras estabelecidas (KILCULLEN, 2010).

Da mesma forma, Visacro (2009) ressalta:

Em termos práticos, guerra irregular é todo conflito conduzido por uma força que não dispõe de organização militar formal e, sobretudo, de legitimidade jurídica

¹ Dr. David Kilcullen é um ex-soldado e diplomata, e um estudioso da guerra de guerrilha, terrorismo, urbanização e o futuro do conflito, que serviu 25 anos para os governos da Austrália e dos Estados Unidos. Durante a Guerra do Iraque, foi Conselheiro Sênior de Contrainsurgência, Força Multinacional do Iraque em 2007, antes de se tornar Conselheiro Especial para Contrainsurgência da Secretária de Estado dos EUA, em 2008. É o principal autor do Manual de Contrainsurgência do Governo dos EUA. Lecionou em universidades e colégios militares nos Estados Unidos e na Europa, fazendo contribuições acadêmicas para a teoria da guerra de guerrilha, insurgência e contrainsurgência. Foi nomeado um dos 100 principais pensadores globais em política externa em 2009. Disponível em: <<https://www.unsw.edu.au/staff/david-kilcullen>>. Acesso em: 13 de julho de 2023.

² É a guerra interna que obedece a processos geralmente empíricos, em que uma parte da população, auxiliada e reforçada, ou não, pelo exterior, mas sem estar apoiada em uma ideologia, empenha-se contra a autoridade (de direito ou de fato) que detém o poder, com o objetivo de depor ou, pelo menos, forçá-la a aceitar as condições que lhe foram impostas (BRASIL, 2020b).

institucional. Ou seja, é a guerra travada por uma força não regular. Esse conceito pode parecer excessivamente abrangente e vago, mas é, apenas, simples. Assim sendo, mesmo as conhecidas “correrias guerreiras” das tribos indígenas do Brasil, como aquelas praticadas pelos kayapós, à época do contato com as frentes econômicas pioneiras, podem servir como exemplo de uma forma arcaica de guerra irregular (VISACRO, 2009, p. 13).

Com a evolução tecnológica, o armamento nuclear ganhou o protagonismo. Porém, como uma guerra nuclear é impensável, as sociedades transferiram os conflitos de uma forma convencional para irregular. Apesar da grande incidência dos conflitos regulares localizados, a partir da segunda metade do século XX há uma grande incidência da guerra irregular (VISACRO, 2009).

Com isso, há o desenvolvimento de novas estratégias, em oposição às estratégias aéreas, com o intuito de anular e evitar o poderio aéreo superior. Portanto, quanto maior a evolução dos armamentos de bombardeio com efeito “massa”, a estratégia do tipo guerrilha vem se desenvolvendo (VISACRO, 2009).

A Marinha do Brasil define Guerra Insurrecional como:

É a guerra interna que obedece a processos geralmente empíricos, em que uma parte da população, auxiliada e reforçada, ou não, pelo exterior, mas sem estar apoiada em uma ideologia, empenha-se contra a autoridade (de direito ou de fato) que detém o poder, com o objetivo de depor ou, pelo menos, forçá-la a aceitar as condições que lhe foram impostas (BRASIL, 2020b, p. 1-3).

Já Kilcullen (2010) desenvolve um conceito de insurgência que seria uma “luta político-militar organizada e prolongada destinada a enfraquecer o controle e a legitimidade de um governo estabelecido, poder de ocupação ou outra autoridade política, ao mesmo tempo em que aumenta o controle insurgente”³ (KILCULLEN, 2010, tradução nossa, p. 1).

Em contrapartida, o mesmo autor ainda define contrainsurgência como:

“Contrainsurgência”, portanto, é um termo abrangente que descreve a gama completa de medidas que os governos adotam para derrotar as insurgências. Essas medidas podem ser políticas, administrativas, militares, econômicas, psicológicas ou informacionais, e quase sempre são usadas em combinação⁴ (KILCULLEN, 2010, p. 1, tradução nossa).

³ No original em inglês: “an organized, protracted politico-military struggle designed to weaken the control and legitimacy of an established government, occupying power, or other political authority while increasing insurgent control”.

⁴ No original em inglês: “Counterinsurgency,” therefore, is an umbrella term that describes the complete range of measures that governments take to defeat insurgencies. These measures may be political, administrative, military, economic, psychological, or informational, and are almost always used in combination”.

Um conceito que segue em paralelo com essa forma de conflito é o de “Guerra de Quarta Geração” (4GW – Fourth Generation Warfare). As suas características⁵ se enquadram com o que hoje todas as tropas regulares estão enfrentando. Esse conceito desvincula a guerra como sendo o conflito entre forças regulares de dois Estados antagônicos. Não haverá mudanças em como o inimigo combate, e sim quem está lutando e para quê. Há um grande envolvimento de atores não estatais nos conflitos. A vitória será obtida nos níveis operacional, estratégico, mental e moral⁶, ao invés de tático e físico. A guerra irregular, e consequentemente as insurgências, não é a definição de Guerra de Quarta Geração, porém dentro desta teoria será predominante (VISACRO, 2009).

Deve-se ter em mente que a guerra é um domínio da incerteza. Planos que servem como padrão para qualquer conflito dificilmente irão existir, pois cada conflito tem sua característica. “Três quartos dos fatores em que se baseiam os combates na guerra estão envoltos numa névoa de maior ou menor incerteza. É necessário um discernimento sensível e perspicaz e uma exímia inteligência para descobrir a verdade” (CLAUSEWITZ, 2010, p. 109).

Portanto, dentro do mundo complexo que vivemos, contrainsurgência pode ser entendido como qualquer ação que o governo faça para encerrar com as rebeliões. Estabelecer regras de conduta ou um passo-a-passo para derrotar as insurgências é extremamente complexo e praticamente impossível, pois cada movimento e governo têm a sua peculiaridade. Então, o elemento primordial para realizar ações para combater movimentos rebeldes é buscar o apoio popular, analisando o ambiente humano no qual ocorre o conflito (KILCULLEN, 2010).

2.2 Análise do ambiente humano

⁵ A perda do monopólio estatal sobre a guerra; uma mudança de enfoque da vanguarda do exército inimigo para o interior da própria sociedade oponente; os elevados custos para um Estado antepor-se a uma ameaça de quarta geração; o emprego de forças de efetivos bem reduzidos e independentes (ou células), que atuarão com o máximo de iniciativa e liberdade de ação, com ordens do tipo “missão pela finalidade”; essas pequenas forças poderão contar com um mínimo suporte de retaguarda, incluindo apoio logístico; mostrar-se-ão capazes de tirar “proveito da abertura proporcionada pela liberdade”, bem como de empregar “o poder de combate do inimigo contra ele próprio”, privilegiando a manobra e priorizando os objetivos psicológicos em detrimento dos objetivos físicos. O que caracterizará a guerra do futuro “não serão grandes mudanças em como o inimigo combate, mas quem estará lutando e para quê” (VISACRO, 2009).

⁶ A forma de emprego das forças armadas e o uso que se fará de suas unidades depois de subjugadas as forças inimigas serão tão importantes quanto a própria vitória no campo de batalha (VISACRO, 2009).

Antes de iniciar qualquer análise, é importante ressaltar que a principal característica da guerra irregular é não ter regras. Portanto, é difícil estabelecer comportamentos padronizados. A relevância disso é que consegue se moldar a qualquer regime político, ambiente social e militar (VISACRO, 2009).

Portanto, as ações que deram certo em um determinado conflito, podem não dar certo em outro. Insurgentes se adaptam rapidamente a novos métodos de contramedidas. Importante lembrar que mudanças sociais rápidas e em grande escala podem estar ocorrendo, como refugiados, “limpeza” étnica, genocídios etc. (KILCULLEN, 2010).

A contrainsurgência é o constante desenvolvimento de técnicas específicas, adaptadas ao ambiente específico, para se contrapor a uma insurgência específica, de forma rápida suficiente para não dar tempo do inimigo se adaptar a essas técnicas (KILCULLEN, 2010).

Dois fatores importantes podem-se destacar quando analisamos a insurgência. Primeiro deles é entender a causa do conflito em determinada região ou grupo populacional. Assim, há uma necessidade de se entender as constantes mudanças do ambiente, desenvolver aliados locais confiáveis, para poder projetar, junto com os aliados, medidas locais para atingir os fatores que sustentam o conflito, quebrando o ciclo de violência (KILCULLEN, 2010).

O segundo fator é agir com respeito à população local. Colocar o bem-estar dos civis, não-combatentes, em primeiro lugar. O caminho crítico na contrainsurgência é justamente convencer a população local que, em ajudar a contrainsurgência, seus interesses serão atendidos, que podem protegê-los e desenvolver parcerias sólidas. Nenhuma insurgência se desenvolve sem o apoio da população local (KILCULLEN, 2010).

A contrainsurgência se preocupa com os insurgentes irreconciliáveis. Saber distinguir entre conciliáveis e irreconciliáveis, combatentes e não-combatentes. Eliminar apenas os combatentes ativos e irreconciliáveis, evitando sempre aumentar o número de insurgentes. Proteger as pessoas que querem simplesmente sobreviver ao conflito (KILCULLEN, 2010).

Segundo Visacro (2009), uma insurgência é moldada pelo ambiente político e psicossocial que está envolvida. Cada uma necessita de um ambiente favorável à violência social e seus impactos para se desenvolver. Apesar de elementos comuns, práticas generalizadas geram alguns equívocos. Embora taticamente parecidos, grupos insurgentes realizam conflitos distintos.

O mesmo autor ressalta:

O cerne do problema, portanto, consiste em identificar quais são os elementos que compõem esse ambiente; as relações de causa e efeito existentes entre eles; a forma como se combinam, se potencializam ou se anulam; a verdadeira dimensão que possuem e as influências que realmente exercem sobre as alternativas de luta. No jargão marxista, trata-se do “potencial revolucionário” da área. A análise do ambiente onde se apresentam ameaças de quarta geração permite identificar quais devem ser os “alvos” prioritários das ações governamentais nos campos político, econômico e psicossocial (VISACRO, 2009, p. 226).

Já Galula (1964) ressalta a diferença entre a estratégia insurgente da contrainsurgente, afirmando que “a estratégia do insurgente visará naturalmente converter seus ativos intangíveis em concretos, a estratégia do contrainsurgente em impedir que seu passivo intangível dissipe seus ativos concretos”⁷ (GALULA, 1964, p. 4, tradução nossa).

Desta forma, uma ação enérgica contra membros do grupo insurgente ou simpatizantes não resolve totalmente o problema. O apoio da população é fundamental. Os comandantes alemães da frente oriental, na Segunda Guerra Mundial (1939-1945), sofreram uma guerra de resistência e uma guerra partidária junto com uma revolta popular generalizada. O respeito e proteção da população se tornaram fundamentais para evitar o apoio aos insurgentes. Viram a necessidade de uma política de ocupação e segurança para explorar o apoio popular pró-alemão. Assim, alguns comandantes alemães se engajaram em segurança da população, “corações e mentes”⁸ e civismo (KILCULLEN, 2010).

Outro exemplo do insucesso deste tipo de comportamento foi o registrado com o povo romano. Os comandantes eram extremamente violentos com a população conquistada e extremamente duros com amotinados e rebeldes. Porém, para apoiar objetivos mais amplos, a inclusão pacífica de povos conquistados, sempre que possível, eram um objetivo fundamental. Lei romana, estradas romanas, sistemas administrativos e fiscais eram cuidadosamente construídos para latinizar a população subjugada, além do uso extensivo de aliados e auxiliares locais (KILCULLEN, 2010).

Portanto, a política de matar a todos é extremamente contraproducente em uma contrainsurgência. Todo contrainsurgente bem-sucedido deve ser capaz de matar o inimigo, muitas vezes com crueldade. Mas vários exemplos na história, como os citados anteriormente,

⁷ No original em inglês: The insurgent’s strategy will naturally aim at converting his intangible assets into concrete ones, the counterinsurgent’s strategy at preventing his intangible liability from dissipating his concrete assets.

⁸ “Corações” significa persuadir as pessoas de que seus melhores interesses são atendidos pelo seu sucesso; “mentes” significa convencê-los de que você pode protegê-los e que resistir a você é inútil. Observe que nenhum dos conceitos tem a ver com o fato de as pessoas gostarem ou não de você (KILCULLEN, 2010).

demonstram que é necessário o uso de medidas minuciosamente planejadas para distinguir o inimigo da população em que ele se esconde, aplicando a violência com a maior precisão possível, aplicar a lei e enfatizar medidas de proteção e conquista da população (KILCULLEN, 2010).

Deve haver uma conexão da tropa realizando Operações de Contrainsurgência com a população local. O manual de contrainsurgência dos EUA ressalta essa importância:

A natureza interligada político-militar da insurgência e contrainsurgência requer imersão nas pessoas e suas vidas para alcançar a vitória. Especificamente, Operações de Contrainsurgência bem-sucedidas requerem que os soldados em cada escalão possuam as seguintes características dentro do contexto cultural do Ambiente Operacional: uma apreciação clara da natureza essencial e nuances do conflito; uma compreensão da motivação, pontos fortes e fracos dos insurgentes; conhecimento dos papéis de outros atores na AO⁹ (EUA, 2006, p. 41, tradução nossa).

2.3 Bases de um movimento insurgente: a busca do apoio popular

Os movimentos insurgentes possuem duas características que os distinguem dos demais: eles dependem da população local e, enquanto os guerrilheiros são fluidos, as populações são fixas. O centro de gravidade¹⁰ da força guerrilheira é a sua interação com a população local em determinada região. Portanto extraem seu poder de luta de uma base de massa. Normalmente essa base de massa é indetectável para os contrainsurgentes, uma vez que fica abaixo da superfície e não se envolve em atividade armada (FIG. 4) (KILCULLEN, 2010).

Em sintonia com esse pensamento, a Marinha do Brasil ressalta a importância do apoio da população:

Em contraste com a guerra regular, a adesão da população é a meta principal do esforço contra forças irregulares porque, apoiado por ela, a força irregular poderá crescer e ter seu apoio logístico facilitado. O apoio da população é o requisito mais importante para o bom êxito das operações contra forças irregulares (BRASIL, 2020b, p. 2-5).

Esses movimentos precisam que a população aja de acordo com os seus interesses com simpatia, aquiescência, silêncio, reação à provocação ou apoio totalmente ativo. Caso

9 No original em inglês: The interconnected, politico-military nature of insurgency and COIN requires immersion in the people and their lives to achieve victory. Specifically, successful COIN operations require Soldiers and Marines at every echelon to possess the following within the AO's cultural context:

- A clear appreciation of the essential nature and nuances of the conflict.
- An understanding of the motivation, strengths, and weaknesses of the insurgents.
- Knowledge of the roles of other actors in the AO.

¹⁰ É a fonte de poder de onde deriva seu moral, sua força física, sua liberdade de ação e sua vontade de agir (KILCULLEN, 2010).

contrário, eles tendem a enfraquecer e acabar, pois não podem se mover livremente dentro da população, reunir recursos (dinheiro, recrutas) ou conduzir suas operações. Não precisam, necessariamente, de um apoio ativo da população, porém sem essa base da massa de sustentação ele sufoca. O rompimento dessa base de massa é uma tarefa crítica da contrainsurgência (KILCULLEN, 2010).

Independente da causa, sempre haverá uma minoria ativa, uma maioria neutra e uma minoria contra a causa. A forma de atingir o centro de gravidade é conquistar a minoria ativa favorável, para que reúnam a maioria neutra, a fim de neutralizar ou eliminar a minoria hostil (GALULA, 1964).

Junto da população, os insurgentes têm o apoio tático em diversos sistemas operacionais. Estrategicamente conseguem prolongar o conflito por tempo indeterminado. Interferem na política do país, influenciando na opinião pública interna e externa (VISACRO, 2009).

Diferentemente de tropas convencionais, os movimentos insurgentes não têm bases, instalações e linhas de comunicação para defender. Eles são fluidos e invisíveis e sempre podem fugir para lutarem outro dia. São extremamente difíceis de serem capturados (KILCULLEN, 2010).

Os insurgentes não têm nenhuma responsabilidade nem ativo concreto. Já a contrainsurgência é rígida, pois possui ambos. Se um insurgente explodir uma ponte, então cada ponte deve ser protegida; quando lança uma granada em um cinema, toda pessoa que entra em um local público deve ser revista. O contrainsurgente tem a responsabilidade de manter a ordem (GALULA, 1964).

Portanto, a estratégia focada em atacar diretamente o insurgente gasta diversos meios perseguindo grupos por todo o campo de batalha, dissipando esforços e grande quantidade de tropas. Ao mesmo tempo causa grandes danos à população civil não combatente, fortalecendo o apoio à insurgência, como aconteceu no Iraque em 2003 e Afeganistão (KILCULLEN, 2010).

Mesmo não tendo uma instalação ou outro objeto imóvel que se possa atacar, pode-se fazer um paralelo e associar a necessidade de conectividade com a população como tal. Assim, pode-se asfixiar a rede de insurgente isolando-a da população, restando duas opções: emergir à superfície, onde poderão ser destruídos utilizando massa e poder de fogo superiores

ou permanecer escondidos, aceitando a marginalização de sua antiga base populacional e sufocar (KILCULLEN, 2010).

Dentro deste contexto, as operações de inteligência ressaltam de importância. É essencial que todos envolvidos na contrainsurgência entendam que são elementos coletando dados no terreno, pois matar o inimigo é fácil, difícil é encontrá-lo no terreno. Sendo assim, inteligência e operações são complementares e, por vezes, a inteligência decorrerá das próprias operações (KILCULLEN, 2010).

Segundo Galula (1964), a principal fonte de informações sobre os guerrilheiros é a inteligência. Ela advém da população, porém esta não fornece as informações a não ser que se sinta segura. Essa sensação de segurança só acontece quando o poder do insurgente é quebrado.

Já Visacro (2009) compara a não ter uma boa rede de inteligência como um boxeador cego, que gasta energia contra um adversário que não vê. Em contrapartida, uma boa inteligência é como um cirurgião que retira um câncer e mantém em funcionamento os órgãos vitais.

O mesmo autor ainda resalta que, ao contrário das operações convencionais, a ênfase não é dada no terreno nem na ordem de batalha do inimigo e sim, através de operações de inteligência, ao entendimento da cultura nativa, interpretação do ambiente político-social e identificação da cultura organizacional dos insurgentes, principalmente suas lideranças e suas redes clandestinas de apoios locais e internacionais (VISACRO, 2009).

Por conseguinte, faz-se mister desenvolver uma consciência situacional¹¹. Para isso, é necessário se estabelecer no local, se fazer presente. Todo este contexto diminui a distância para a população local, formando vínculos e parcerias. Patrulhamentos e movimentos a pé são exemplos do que devem ser feitos, de forma que os habitantes locais vejam os contrainsurgentes como pessoas reais e próximas. Deslocar-se em um comboio blindado como um turista afasta as pessoas e os torna um alvo (KILCULLEN, 2010).

Cresce de importância a consciência dos menores escalões envolvidos que a busca por dados de inteligência deve ser feito por todos. A população é a principal fonte de dados de

¹¹ Percepção precisa dos fatores e condições que afetam a execução da tarefa durante um período determinado de tempo, permitindo ou proporcionando ao seu decisor, estar ciente do que se passa ao seu redor e assim ter condições de focar o pensamento à frente do objetivo. É a perfeita sintonia entre a situação percebida e a situação real (BRASIL, 2015).

inteligência, contribuindo de forma relevante para a produção do conhecimento e o planejamento das possíveis ações a serem desenvolvidas (VISACRO, 2009).

Toda essa interação com a população fornece bases para que a tropa entenda como é o cotidiano local. Esse subsídio será necessário para que não se dê respostas automáticas às primeiras impressões dos diversos acontecimentos no terreno, a não ser que já esteja no local quando ocorrer. O insurgente vai incitar as forças a atacar a população e cometer erros. Por isso a necessidade de compreender o cotidiano, a normalidade do local (KILCULLEN, 2010).

Então, o contrainsurgente deve se concentrar em estabelecer redes confiáveis. Dar o verdadeiro significado à expressão “corações e mentes”. “Corações” significa persuadir as pessoas de que seus melhores interesses serão atendidos pelo sucesso da força. “Mentes” significa convencê-los de que a tropa pode protegê-los e que resistir é inútil. Assim, construindo uma rede de confiança, desloca-se as redes do inimigo, trazendo-o à tona para lutar. Essas redes incluem aliados locais, líderes comunitários, forças de segurança locais, ONGs e outros atores não estatais amigáveis ou neutros em sua área e a mídia (KILCULLEN, 2010).

A busca pelo apoio popular e estabelecimento de redes confiáveis é o verdadeiro esforço principal. Ações, até mesmo matar alvos importantes, que minam a confiança ou perturbam as redes, ajudam o inimigo (KILCULLEN, 2010).

Dessa forma, Visacro (2009) ressalta:

O Estado só terá vencido quando contar com o apoio ativo da população, deixando as forças irregulares, permanentemente, isoladas dos habitantes locais. Se isso acontecer, os grupos armados ainda poderão permanecer ativos, conservar alguma capacidade operacional ou desenvolver intensas atividades, porém, a partir desse momento, estarão derrotados, absorvidos por um ciclo decadente e infrutífero de violência (VISACRO, 2009, p. 344).

Dentro da perspectiva da busca pelo apoio popular, deve-se criar e seguir uma narrativa única¹². Na maioria das sociedades existem formadores de opinião: líderes locais, pilares da comunidade, figuras religiosas, personalidades da mídia e outros que definem tendências e influenciam a percepção do público. Assim, essas personalidades constroem uma narrativa única. Dessa forma, a força contrainsurgente deve explorar uma narrativa alternativa dos insurgentes ou mesmo utilizar uma narrativa existente que exclua os insurgentes. Somente a tropa tem o conhecimento necessário para adaptar a narrativa às

¹² Uma história ou explicação simples, unificadora e facilmente expressa que organiza a experiência das pessoas e fornece uma estrutura para a compreensão dos eventos (KILCULLEN, 2010).

condições locais e gerar alavancagem a partir dela. Tudo é construído de forma lenta, conhecendo os formadores de opinião locais, conquistando sua confiança, aprendendo o que os motiva e desenvolvendo isso para encontrar uma narrativa única que enfatize a inevitabilidade e acerto de seu sucesso final. (KILCULLEN, 2010).

Segundo o mesmo autor, durante uma campanha, os ataques insurgentes tendem a variar de acordo com o tempo. Após o estabelecimento de todas as redes confiáveis, conquistando o apoio populacional, a tendência são os insurgentes realizarem diversas ações ofensivas. A ideia é combater a estratégia dos insurgentes e não suas forças. Se querem reconquistar o apoio da população, deve-se combater isso. As permutações são infinitas, mas o princípio é o mesmo: lute contra a estratégia do inimigo, não contra suas forças (KILCULLEN, 2010).

Ainda o mesmo autor afirma que independente da estratégia que seja adotada, sempre deve-se manter a iniciativa. Se está reagindo ao inimigo, é sinal de que ele está controlando o combate. Na contrainsurgência, o inimigo inicia a maioria dos ataques, atinge a tropa inesperadamente e se retira rápido demais para que haja reação. Não se pode deixar levar por operações puramente reativas: deve-se concentrar na população, desenvolver uma estratégia e lutar contra o inimigo apenas quando ele estiver no caminho. Isso ganha e mantém a iniciativa (KILCULLEN, 2010).

Para a manutenção da iniciativa é necessário adaptar-se. O momento do desdobramento das tropas no terreno há uma redefinição das forças. As forças irregulares, normalmente, sofrem alguns reveses iniciais, tendendo a se retrair e se reorganizarem. Após isso, se adaptam e retomam a iniciativa. A partir deste momento que as ações das tropas regulares começam a não ter mais efeito. Assim sendo, é colocado em prova a capacidade de adaptarem-se e manter a iniciativa (VISACRO, 2009).

Portanto, as melhores práticas de contrainsurgência envolvem forças armadas unificadas, inteligência, políticas, socioeconômicas, “corações e mentes” e medidas de segurança. Exige um esforço de coordenação das operações de informação, desenvolvimento, governança, operações de segurança militar e policial e operações de contraguerrilha em uma determinada área geográfica (KILCULLEN, 2010).

Para que as tropas convencionais tenham uma precisão e eficácia em suas ações, de forma a diminuir os efeitos colaterais que porventura poderão acontecer e poderão tornar as

operações contraproducentes, deverão ter um suporte adequado de inteligência e apoio da população (VISACRO, 2009).

Com uma visão holística da situação, a contrainsurgência se baseia em uma abordagem de sistemas¹³. A identificação do processo-chave em um sistema insurgente é importante para coordenar contramedidas. A análise de sistemas complexos fornece novos modelos mentais para a aplicação na contrainsurgência (KILCULLEN, 2010).

Por conseguinte, observa-se que em todo mundo não há diferenças grandes em relação à teoria de operações de contrainsurgência. Todos versam sobre a necessidade de uma abordagem civil-militar integrada, com atenção às reformas sociais e desenvolvimento de programas de melhoria nas condições de vida da população, ao invés de grandes operações de combate; isolamento dos insurgentes da população civil, privando-os de seus apoios internos, locais de refúgio e patrocinadores externos; importância das operações de inteligência e psicológicas, além de missões tipo polícia, uso moderado da força letal e emprego de elementos de segurança locais (VISACRO, 2009).

Assim, Visacro (2009) enumera as principais características de um exército qualificado para a contrainsurgência:

cultura organizacional que fomente a liderança em todos os níveis da cadeia hierárquica, desenvolva a iniciativa dos comandos subordinados e permita a condução de ações descentralizadas de forma eficiente; capacidade de empregar força letal mínima e controlar seus danos colaterais; persistência, capacidade de operar por longos períodos de tempo, convivendo com a frustração, a ausência de resultados efetivos e com um número crescente de baixas, sem se desgastar politicamente ou amargar um colapso moral; capacidade de interagir com a população local, dando-lhe de forma tangível segurança e de forma abstrata esperança; capacidade de interagir com a mídia e com organizações não governamentais; capacidade de operar em conjunto com corporações policiais e forças de segurança nativas; capacidade de colaborar com outras agências estatais; disponibilidade de instrumentos jurídicos adequados e capacidade para fazer bom uso deles; grande adaptabilidade, ajustando-se às rápidas transformações das organizações militantes e às frequentes mutações do combate irregular; capacidade para aprender com a cultura nativa; disponibilidade de agências de inteligência e forças de operações especiais competentes (VISACRO, 2009, p. 346).

Traçando um paralelo com toda a explicação deste capítulo, nota-se que a utilização da população local e de suas forças gera um impacto nos três níveis de decisão: taticamente, pois forças locais eliminam as lideranças insurgentes, suas cadeias hierárquicas e seus combatentes, através de morte ou captura, além de cooptar membros ou expulsando os

¹³ No sentido mais geral, um sistema é um grupo de elementos independentes, mas interrelacionados, formando um todo unificado (KILCULLEN, 2010).

insurgentes da área; operacional, porque ajudam a restaurar o controle do governo e sua legitimidade; e estrategicamente servem de escudo para a realização da reforma. Faz-se necessário utilizar as forças locais de forma eficiente para que as operações se desenvolvam eficazmente (CASSIDY, 2006).

Portanto, neste capítulo, foi analisado o principal aspecto da teoria de David Kilcullen aplicado ao enfrentamento de forças insurgentes, qual seja o apoio da população. Este teórico ressalta a grande dificuldade para obtê-lo frente a vantagem que os rebeldes têm de já estarem estabelecidos na região, uma vez que muitos possuem parentes e amigos, contribuindo para uma vantagem na obtenção do apoio. Desta forma, a influência dos insurgentes sobre a população é considerada o centro de gravidade.

Com isso, para se contrapor a esta desvantagem, as operações de inteligência se fazem importante. A partir delas é possível entender como funciona o cotidiano da região. Esse entendimento monta associações na cabeça do combatente para que possa estabelecer uma narrativa única, mostrando o benefício para a população em apoiar a contrainsurgência. Além disso, a inteligência facilita a identificação das principais figuras que influenciam determinada população. Isso favorece a busca por esse apoio e conseqüentemente permite a manutenção da iniciativa das ações.

Dessa forma, no próximo capítulo será abordada a Revolta Árabe (1916-1918), ocorrida durante a Primeira Guerra Mundial (1914-1918), na Península Árabe. Tal conflito foi caracterizado por um sentimento nacionalista árabe, que aspiravam formar uma Nação Árabe, com diversos territórios. Esta revolta foi um dos grandes exemplos de insurgência que o exército turco-otomano teve que enfrentar.

3 A REVOLTA ÁRABE (1916 - 1918)

Neste capítulo serão abordados os principais pontos do conflito, ressaltando os procedimentos adotados pelas tropas turco-otomanas em oposição aos insurgentes árabes liderados pelo inglês Thomas Edward Lawrence. Para tal, o capítulo está estruturado em três seções organizadas da seguinte forma. Na primeira seção descreve-se a origem da Revolta Árabe. Na seção seguinte abordam-se as ideias do inglês Thomas Eduard Lawrence, militar que atuou como assessor dos insurgentes. Por fim, na terceira seção detalham-se os planos insurgentes e como desenvolveram no terreno.

3.1 A origem da Revolta

Segundo Visacro (2010), o islamismo surgiu na península arábica, onde se expandiu para o Oriente Médio, Ásia Central, norte da África e península ibérica. Viveu seu auge com o Califado Abássida (750 a 1258) e iniciou seu declínio ainda no século X.

O mesmo autor elucida que a fragmentação do Califado Abássida ¹⁴ resultou em três grandes impérios islâmicos: o Império Turco Otomano, com o centro do poder encontrando-se em Anatólia, o Império Safávida na Pérsia (atual Irã) e o Império dos GrãoMughals na Índia (VISACRO, 2010).

Foi então que o Império Turco Otomano iniciou um processo de expansão, conquistando Constantinopla em 1453 (sede do Império Bizantino), fazendo dela sua capital e rebatizando-a de Istambul. Tal cidade não era apenas capital política e militar do império, mas, devido à sua posição, era um importante centro comercial mundial. Após diversas conquistas, atingiu seu ápice abarcando o norte da África (exceto Marrocos), litoral árabe do mar vermelho, a Palestina, a Síria, a Mesopotâmia, a Anatólia e os Bálcãs (FIG. 1). Foi o último poder muçulmano (e não árabe) a unificar o Oriente Médio, além de parte da Europa, segundo o historiador Peter Demant (VISACRO, 2010).

O Império Otomano tinha grandes dificuldades para manter esse vasto território

¹⁴ Califado Abássida, segunda das grandes dinastias do Império Muçulmano do Califado. Derrubou o Califado Omíada em 750 EC e reinou como o Califado Abássida até ser destruído pela invasão mongol em 1258. O nome é derivado do tio do profeta Muhammad, al-Abbās (falecido em 653 EC) do Clã Hachemita da tribo Quraysh em Meca. Disponível em: <<https://www.britannica.com/topic/Abbasid-caliphate>>. Acesso em: 07 de julho de 2023.

conquistado, principalmente pelo fato das tensões étnicas e religiosas se agravarem pelos crescentes nacionalismos (VISACRO, 2010).

Diversas etnias faziam parte de todo o Império:

Constantinopla, com seu horizonte pontilhado de mesquitas, minaretes e cúpulas, tinha uma população de 1 milhão de pessoas, mas **somente a metade era muçulmana**. O comércio do movimentado porto de Esmirna era dominado por **gregos**. Salônica, o grande porto otomano do outro lado do Mar Egeu, mostrava-se como a única cidade importante da Europa onde os **judeus constituíam o maior grupo étnico**. Outra minoria expressiva dentro do império era a **dos armênios cristãos**, comerciantes experientes. Mas o mais numeroso grupo de estrangeiros dentro desse império compacto eram os **árabes**. Chegando aos 6 milhões de pessoas, viviam distantes de Constantinopla e certamente **não se consideravam turcos** (BLAINEY, 2008, grifo nosso).

Porém, o maior inimigo do Império Otomano era a Rússia, país que em toda sua história buscou uma saída para o mar que se mantivesse aberta ao longo de todo o ano. Desta forma, disputou, durante séculos, com a Turquia o controle dos estreitos de Bósforo e Dardanelos, entre os mares Negro e Mediterrâneo. Sendo assim, a aliança militar da Tríplice Entente, constituída por Grã-Bretanha, França e Rússia, era uma ameaça para o Estado Otomano (VISACRO, 2010).

Sendo assim, a saída foi se aliar à Alemanha, pois, às vésperas da Primeira Guerra Mundial (1914-1918), o Império Otomano acumulou diversos inimigos ansiosos por sua ruína. O tratado de aliança com a Alemanha foi assinado após as autoridades inglesas “requisitarem” dois navios de guerra turcos que estavam sendo construídos em estaleiros ingleses (VISACRO, 2010).

Porém, para a cultura muçulmana existem três bases indissociáveis: a dinâmica social, o poder político e a fé. Portanto, o governo turco cometeu um grande erro quando retirou do poder o velho sultão e outro maior ainda enviando de volta para casa o xarife da cidade de Meca. Hussein Ibn Ali pertencia à tribo dos hachemitas, mesma do profeta Maomé. O governo turco solicitou-lhe proclamar uma Guerra Santa contra a Tríplice Entente, porém se negou, alegando que o Império Otomano se aliou a um país não muçulmano, a Alemanha (VISACRO, 2010).

Após entrarem na guerra, o exército turco avançou até próximo do Canal do Suez, onde foi rechaçado para a Palestina pelas tropas britânicas que estavam no Egito. O envolvimento da Turquia na guerra fez com que os árabes insatisfeitos com a dominação turca aderissem à causa nacionalista (VISACRO, 2010).

Ainda desorganizado e sem uma base popular forte, o movimento nacionalista árabe

teve dificuldade de unificar todos os nichos de poderes locais. Então a característica que uniria todos esses conflitos étnicos na região era o islamismo, pois era compartilhado em todo o território, de Meca a Damasco (VISACRO, 2010).

Hussein, por sua vez, não hesitou em protagonizar o movimento de autodeterminação árabe com uma clara motivação nacionalista, abstendo-se de fazê-la em nome da fé. Alguns grupos da Síria e Mesopotâmia viam reticentes esta liderança, pois sabiam que ao final, Hussein queria implantar uma “nova ordem”, onde ele mesmo seria o chefe (VISACRO, 2010).

As razões pelas quais Hussein declarou a Revolta são muito complexas. Alguns acontecimentos contribuíram como a execução de árabes nacionalistas na Síria, exigências de ação das sociedades secretas, a pressão otomana sobre ele para endossar sua declaração de Jihad ou Guerra Santa e, não menos importante, a aproximação de reforços otomanos (NICOLLE, 1989).

Em termos militares, o momento parecia não ser adequado. O prestígio britânico estava em baixa, pois estava paralisado ao longo do Canal do Suez, derrotado em Gallipoli e no Iraque, e imobilizado em Aden. Os britânicos não eram aliados atraentes. Ainda assim, A Royal Navy e uma frota italiana na Eritreia dominaram o Mar Vermelho. Com isso, foi estabelecida comunicações com a base britânica no Egito, garantindo o fornecimento de alimentos para o Hejaz, que de outra forma estaria dependente dos otomanos (NICOLLE, 1989).

Durante o período que permaneceu em Istambul, Hussein proporcionou aos seus quatro filhos (Ali, Abdulla, Faissal e Zeid) uma educação de qualidade, o que deu base para que assumissem papéis importantes quando requisitados na revolta (VISACRO, 2010).

Seu filho Ali recrutou voluntários na cidade de Medina, atraindo a atenção das tropas turcas na cidade. Já Abdulla contatou os ingleses no Egito, buscando o seu apoio. Faissal ligou-se com organizações clandestinas e focos de conspiração na Síria e Mesopotâmia, porém manteve relações cordiais com o representante do governo otomano em Damasco. Mesmo com a desconfiança turca, o sigilo permaneceu (VISACRO, 2010).

Com o retorno de Faissal à Damasco, foi iniciada a revolta. Rapidamente Meca e o porto de Jeddah (FIG. 2) foram conquistados. Porém, uma resistência turca, o 12º Corpo de Exército, em Medina, repeliu um ataque prematuro dos insurretos. Ficaram dependente de

suprimentos que vinham do Norte pela ferrovia do Hejaz¹⁵. Com isso, os portos do mar vermelho sob o controle dos revoltosos foram abertos para os aliados, onde ingleses e franceses estabeleceram ligações com os rebeldes (VISACRO, 2010).

Sendo assim, a bandeira rebelde foi levantada, onde os seguidores de Hussein, apoiados por voluntários tribais, libertaram Meca, Ta'if e os portos de Jiddah e Yanbu, enquanto a principal guarnição otomana ficou encurralada em Medina (NICOLLE, 1989).

A Revolta começou no coração do mundo muçulmano: no Hejaz, em suas cidades muçulmanas mais sagradas, Meca e Medina. Porém, as sementes do espírito nacionalista haviam sido plantadas no Norte. Na Síria, Palestina, Líbano e Iraque, sociedades secretas anti-otomanas cresceram entre os árabes educados da elite de Damasco, Beirute, Bagdá e outros lugares (NICOLLE, 1989).

3.2 Os pensamentos de Thomas Edward Lawrence

Observando toda a dinâmica da revolta árabe e estudando a estratégia turca durante a Grande Guerra, Thomas Edward Lawrence acreditava que fomentando contendas internas seria a melhor forma de derrotar a Turquia, ao invés de realizar grandes manobras militares, como o fizeram e fracassaram as grandes potências europeias. A ideia era incentivar o sentimento de nacionalismo e autodeterminação árabe, de forma a nascer uma nação árabe das ruínas do Império Otomano (VISACRO, 2010).

A relutância em buscar o apoio da revolta para derrotar o exército turco otomano era grande entre os militares ingleses, que eram muito conservadores. Fato observado por ocasião da conquista da Mesopotâmia pelos ingleses e o posterior avanço para Bagdá, em que ficaram sitiados, em 07 de dezembro de 1915, na localidade de Kut el Amara. Os ingleses enviaram Lawrence para negociar a suspensão do sítio, porém sem sucesso. Dez mil homens ficaram sem suprimentos e em 29 de abril de 1916 se renderam (VISACRO, 2010).

A despeito dos acontecimentos, Lawrence articulou sua transferência para o Serviço

¹⁵ Ferrovia entre Damasco, Síria e Medina (agora na Arábia Saudita), uma das principais ferrovias do Império Turco Otomano. Estrada de ferro que ligava Damasco à Medina. Quando os árabes do Hejaz se revoltaram contra o domínio turco em 1916, a via entre Ma'ān e Medina foi desativada por ataques árabes, em grande parte inspirados pelo estrategista militar britânico T.E. Lawrence (Lawrence da Arábia). Disponível em: <<https://www.britannica.com/topic/Hejaz-Railway>>. Acesso em: 30 de julho de 2023.

Árabe do Departamento do Exterior¹⁶, que era chefiado por sir Henry McMahon, responsável por articular o apoio britânico ao movimento insurgente de Hussein. Apesar do aval, as divergências entre o político e o militar eram grandes e a desconfiança militar da importância de tal aliança só aumentou, pois os rebeldes ainda não tinham conseguido conquistar Medina e suas forças estavam desorganizadas, sem coesão interna e com problemas logísticos, principalmente material bélico. Em pouco tempo poderiam receber um revés (VISACRO, 2010).

Por esse motivo, o Quartel General britânico, sediado no Cairo, Egito, enviou uma comitiva para analisar a situação e aumentar sua consciência situacional. Estabeleceram contato com Abdulla no Hejaz¹⁷. Juntamente com a comitiva, estava, o então Capitão Thomas Eduard Lawrence. Abdulla deixava claro que suas pretensões, e a de seu pai Hussein, era estabelecer uma independência árabe, com o surgimento de nações árabes. Porém seu grande objetivo era manter a sua família no comando dos novos Estados. Solicitou apoio logístico, questionou o não corte dos suprimentos turcos na ferrovia do Hejaz e queria o apoio de uma brigada britânica, composta, se possível, por soldados muçulmanos (VISACRO, 2010).

Lawrence permaneceu por dez dias acompanhando os insurgentes e analisando quem poderia ser a liderança forte. Encontrou em Faissal, o líder que poderia retomar o ímpeto dos revoltosos e expandir para as regiões da Palestina, Síria e Mesopotâmia. Porém, o filho de Hussein tinha suas convicções e deixou claro que não queria, simplesmente, trocar a dominação turca por uma dominação britânica. Seus planos era conquistar Medina com seu exército, de forma regular, marchando em quatro direções convergentes. Esses pensamentos iam de encontro com as suposições de Lawrence, que achava que os insurgentes deveriam constituir um exército irregular, pois a obediência e a disciplina militar opunham-se à natureza anárquica das diversas tribos que constituíam o povo do Hejaz (VISACRO, 2010).

O relatório feito após esses dias de análise ressaltou a importância de uma melhora no programa de assistência especializada¹⁸, demonstrando não haver necessidade de envio de grandes contingentes de tropa. Importante seria orientar as tropas de Faissal acampadas

¹⁶ Agência de planejamento e informações destinada a assessorar o alto comissário no Egito (VISACRO, 2010).

¹⁷ Região do oeste da Arábia Saudita, ao longo da costa montanhosa do Mar Vermelho da Península Arábica, da Jordânia, ao norte, até a região de Asir, ao sul. Disponível em: <<https://www.britannica.com/place/Hejaz>>. Acesso em: 30 de julho de 2023

¹⁸ Programa de apoio inglês e francês aos insurgentes, enviando tropas e, principalmente, oficiais de ligação fluentes na língua local (VISACRO, 2010).

em Hamra, as quais representava uma grande ameaça para os turcos (VISACRO, 2010).

3.3 Os planos rebeldes

Desde 1914, antes do início da guerra, vários representantes e desertores árabes do exército otomano, em grande parte compostos por conscritos, fizeram contato com as autoridades britânicas. Eles descreveram o ressentimento generalizado de suas comunidades com as políticas de Constantinopla e revelaram a existência de sociedades revolucionárias encobertas dedicadas abrangendo as classes profissionais árabes da Síria e da Mesopotâmia e as divisões árabes do exército otomano (MOHS, 2008).

Uma das ações britânicas que viabilizaram a aliança anglo-árabe foi o “Protocolo de Damasco”, que tinha os seguintes termos: O reconhecimento pela Grã-Bretanha da independência dos países árabes, a abolição de todos os privilégios excepcionais concedidos aos estrangeiros sob as Capitulações, a conclusão de uma aliança defensiva entre a Grã-Bretanha e o futuro estado árabe independente e a concessão de preferência econômica à Grã-Bretanha (MOHS, 2008).

Hussein esperava uma grande estratégia britânica, com um desembarque ao norte da Síria, estimulando revoltas por toda a Palestina, Líbano e Síria, assim, cortando as comunicações otomanas com suas províncias árabes. Porém os britânicos recusaram tal plano ambicioso, de modo que a Revolta Árabe se limitou ao Hejaz (NICOLLE, 1989).

A situação não estava se desenvolvendo como os rebeldes esperavam. O comandante das tropas turcas em Medina tomou a iniciativa e atacou posições árabes, quase capturando Zeid e ameaçando flanquear Faissal. Os rebeldes eram incapazes de realizar operações de forma organizada com grandes efetivos (VISACRO, 2010).

Medina era psicologicamente e taticamente importante para a guerra. Primeiro porque, depois de Meca, é a cidade mais importante do Islã. Seu nome significa “cidade do profeta¹⁹”. Segundo pois sua conquista era de suma importância para o avanço rumo ao norte, na Palestina ou Síria. Portanto era vista como um grande objetivo militar, tanto para os aliados como para os rebeldes (VISACRO, 2010).

¹⁹ Durante o período da emigração, 622 d.C., Maomé se refugiou. Esse período marca o início do calendário muçulmano (VISACRO, 2010).

Apesar do apoio de britânicos e franceses, o grande efetivo da revolta era tribal, cujos elementos irregulares formavam o exército de Hussein. Sendo assim, era essencial a cooperação de cada tribo para que o exército árabe progredisse. Todos os combatentes eram voluntários de idade entre doze e sessenta anos (NICOLLE, 1989).

Os rebeldes tinham um efetivo considerável, porém eram um grupo heterogêneo, formados por muitas tribos que não conseguiam se organizar. Sua falta de comando e controle em combate era a sua maior deficiência, que dificultava manobras de grande vulto, tanto ofensivas como defensivas (VISACRO, 2010).

Não tinham treinamento nem disciplina e eram geralmente empregados em incursões ou em apoio a pequenos grupos do exército regular árabe (NICOLLE, 1989).

A revolta precisava de um núcleo de soldados treinados para serem exemplo para os irregulares. Somente tropas bem treinadas poderiam fazer frente ao exército otomano. Tais combatentes seriam os ex-soldados otomanos iraquianos ou sírios que se encontravam em diversos campos de prisioneiros de guerra. Eles aproveitaram a chance de poder lutar por uma causa árabe, além de saberem que, se recapturados, seriam considerados traidores (NICOLLE, 1989).

Por conta desses fatores, o Coronel Wilson²⁰ sugeriu aos rebeldes ultrapassar Medina e conquistar o Porto de Wejh. Dessa forma os árabes retomariam a iniciativa do combate e ainda teriam condições de cortar a linha de comunicação turca através da ferrovia do Hejaz. Assim a retaguarda turca ficaria em constante ameaça e vulnerável caso quisessem realizar uma ofensiva derradeira sobre Meca (VISACRO, 2010).

Antes da chegada dos britânicos, o Major Aziz al Masri²¹ estava desenvolvendo um plano estratégico para a Revolta Árabe. Previa oito mil árabes regulares, com oito peças de artilharia e vinte mil irregulares tribais subindo a ferrovia do Hejaz através da Síria por onde hoje é a fronteira turca. Evitariam o confronto direto com o inimigo e ainda desgastariam as guarnições otomanas. Esse foi o plano seguido pelo Exército Árabe do Norte (NICOLLE, 1989).

Em 1916, o exército árabe estava reorganizado em bases territoriais. O exército baseado no Norte, em Yanbu, sob o comando de Amir Faissal, tinha uma brigada de infantaria, um contingente de voluntários de Xarife, quatro baterias de artilharia e vários irregulares

²⁰ Exerceu as funções de oficial de ligação junto ao grande Xarife, em Jeddah (VISACRO, 2010).

²¹ Nascido no Egito, filho de pais egípcios e circassianos, serviu com Sanussi antes da guerra. Era chefe de gabinete de Hussein e pai fundador do exército árabe (NICOLLE, 1989).

tribais para marchar pela ferrovia do Hejaz e, eventualmente, conquistar Damasco. Já o exército baseado no Sul, em Rabigh, sob o comando de Amir 'Ali, tinha dois batalhões de infantaria, um batalhão montado em mulas, um batalhão montado em camelos, quatro baterias de artilharia, uma companhia de engenharia e contingentes tribais. Tinham a tarefa de conter a grande guarnição otomana em Medina (que não se renderam até 1919) e observar as forças otomanas mais ao sul em Asir e Iêmen. Por sua vez, o exército baseado no Leste, em Wadi Ais, sob o comando de Amir Abdullah, tinha dois batalhões montados em camelo, um esquadrão de cavalaria, uma bateria de artilharia de montanha, um contingente de voluntários Hachemitas e irregulares tribais. Esta territorialização do exército árabe manteve a pressão sobre a poderosa tribo pro-otomana Shammar, liderada por Ibn Rashid, na Arábia Central, e impediu que os suprimentos otomanos chegassem a esta área, enquanto mantinha os olhos nos teoricamente aliados, mas longe de serem amigas, de Ibn Sa'ud (NICOLLE, 1989).

Com toda a estrutura montada, a eficácia do exército árabe melhorava a todo momento. O General Liman von Sanders ²² cogitou em abandonar o Hejaz. Porém abandonar as cidades sagradas de Meca e Medina era politicamente impensável (NICOLLE, 1989).

Apesar do melhor desempenho, os árabes passavam por algumas dificuldades. Equipamentos e armamentos, tais como metralhadoras e artilharia, começaram a faltar e os serviços médicos no combate eram precários, de forma que era preferível matar soldados gravemente feridos a que os deixar cair nas mãos do inimigo. Ainda assim o moral permaneceu elevado, mesmo no rigoroso inverno dos anos de 1917-1918, quando sofreram baixas significativas por exposição ao congelamento no sul da Jordânia (NICOLLE, 1989).

Assim, a Revolta Árabe se encontrava em uma situação crítica, pois Medina estava sendo controlada pelos turcos, com apoio logístico de Damasco e Meca controlada pelos rebeldes, com apoio logístico em Rabegh, pequena cidade situada entre as duas cidades sagradas, que, se capturada pelos turcos, poderia servir de base avançada para a reconquista de Meca (MOHS, 2008).

Esse impasse gerou uma divergência de ideias no comando militar da Grã-Bretanha no Cairo. Enquanto uns queriam o envio de tropas regulares britânicas, francesas e indianas para

²² Otto Liman von Sanders, nascido em 17 de fevereiro de 1855, Stolp, Pomerânia - falecido em 22 de agosto de 1929, Munique, general alemão amplamente responsável por tornar o exército otomano uma força de combate eficaz na Primeira Guerra Mundial e vitorioso sobre os Aliados na Galípoli. Em 1913, foi nomeado diretor de uma missão militar alemã encarregada de reorganizar o exército turco. Disponível em: <<https://www.britannica.com/biography/Otto-Liman-von-Sanders>>. Acesso em: 30 de julho de 2023.

o apoio e a conseqüente resolução do conflito, outros achavam que a presença de tropas ocidentais cristãs na Península Arábica, a fim de servir na Terra Santa, não aumentaria o moral árabe, mas causaria uma ofensa à opinião pública muçulmana (MOHS, 2008).

O comando britânico no Cairo conseguiu criar uma rede de inteligência de agentes árabes no terreno, que ajudaram as tribos a realizarem ataques na Ferrovia do Hejaz, tanto ao norte como à sul. Porém, até então, esses ataques não obtiveram sucesso suficientes para interromper o fluxo logístico turco. Esta falta de sucesso se deveu muito por falta de informações precisas sobre a situação turca, onde os agentes de inteligência não alimentaram o sistema de forma correta, levando a ataques imprecisos e pouco eficazes (MOHS, 2008).

Segundo Mohs (2008), as ações hostis dos rebeldes no Hejaz transformaram o local em um ambiente hostil para os turcos. Para se manter em uma resistência prologada, o exército otomano precisaria de transporte adicional e reforços da Síria para fortalecer suas tropas e lançar uma ofensiva multifacetada, reforçando com fortificações sua linha de comunicação entre Meca e Medina. A composição das tropas turcas era, em sua maioria, convencional, o que diminuía sua flexibilidade como força expedicionária.

Para Lawrence, ninguém havia percebido que a revolta seria mais como a paz do que como a guerra. Os grandes combates deveriam ser evitados a todo custo. Bastava conquistar o apoio da população, disseminando os ideais nacionalistas de Meca a Damasco (VISACRO, 2010).

Uma das análises realizadas pelo serviço de inteligência britânico foi que, em campo aberto, uma companhia turca romperia facilmente a defensiva árabe nas diversas cidades, como Rabegh e Meca. Porém, o terreno entre as cidades de Medina e Rabegh era montanhoso, com diversas colinas íngremes, canalizando os movimentos para os diversos desfiladeiros e abismos, sem coberturas. Assim, foi vista uma oportunidade, pois poderia servir como uma barreira para as tropas regulares turcas, com suas artilharias pesadas e longas linhas de transporte (MOHS, 2008).

Sendo assim, visualizou-se que a solução mais viável para proteger a cidade de Rabegh, e conseqüentemente seu importante porto, seria o posicionamento das tribos das montanhas, com seus franco-atiradores, no topo das colinas. O grande conhecimento dos diversos caminhos daria a flexibilidade necessária para o rápido posicionamento, onde centenas de rebeldes poderiam bloquear as estradas contra um avanço turco. Essa combinação de guerrilheiros determinados e terreno difícil formaria um “cordão”

impenetrável ao redor da cidade de Rabegh (MOHS, 2008).

Portanto, a conclusão britânica foi que os exércitos tribais árabes eram uma agregação de atiradores. Seu foco era a guerra de guerrilha²³, pois não conseguiriam trabalhar com grandes efetivos convencionais e aceitar ordens dos estrangeiros. A responsabilidade deveria ser descentralizada, com cada um dos Xequês líderes das tribos mantendo sua autonomia. Estariam motivados por esses árabes e não por um estrangeiro para realizarem pequenos ataques, como destruir parte de ferrovia, saqueariam caravanas, roubariam camelos etc. (MOHS, 2008).

Segundo o mesmo autor, fora das colinas, os árabes do deserto deveriam continuar com pequenos ataques ao longo da ferrovia do Hejaz. Era uma linha de comunicação de vital importância. A ideia seria distribuir os árabes ao longo de toda a ferrovia e estradas que fazem ligação com Medina, obrigando os turcos a quebrarem sua concentração de forças, aliviando, assim, a pressão sofrida em Rabegh. O então Capitão T. E. Lawrence solicitou que rádios fossem distribuídos para cada exército árabe, de forma a coordenar os movimentos. Assim, os turcos seriam forçados a movimentar suas tropas periféricas de volta para Medina e concentrar esforços para proteger suas comunicações ferroviárias. Em contrapartida, se os árabes cortassem a comunicação da ferrovia, que no momento estava pouco vigiada, a guarnição de Medina poderia ser vencida rapidamente (MOHS, 2008).

A mobilidade é uma estratégia clássica da guerra de guerrilha, como afirmou Lawrence:

A guerra do Hejaz é de dervixes²⁴ contra tropas regulares – e nós estamos do lado dervixes. Nossos livros não se aplicam de forma alguma às suas condições. É a luta de um país rochoso, montanhoso e mal irrigado país (auxiliado por uma horda selvagem de alpinistas) contra uma força que foi aprimorada – no que diz respeito à guerra civilizada – tão imensamente pelos alemães, que quase perdeu sua eficiência

²³ Forma de guerra irregular que compreende as operações de combate executadas em território sob controle do inimigo, por forças predominantemente locais, de um modo militar ou paramilitar, a fim de reduzir a eficiência do governo estabelecido ou do poder de ocupação nos campos político, econômico, psicossocial e militar (BRASIL, 2015).

²⁴ Dervish, árabe darwīsh, qualquer membro de uma fraternidade Şūfī (místico muçulmano) ou tariqa. Dentro das fraternidades Şūfī, que foram organizadas pela primeira vez no século 12, uma liderança estabelecida e uma disciplina prescrita obrigavam o postulante dervixe a servir seu xeque, ou mestre, e estabelecer um relacionamento com ele. Esperava-se também que o postulante aprendesse a silsilah, a linhagem espiritual de sua fraternidade. Disponível em: <<https://www.britannica.com/topic/dervish>>. Acesso em: 29 de junho de 2023.

para trabalhos pesados (MOHS, 2008, p. 80, tradução nossa)²⁵.

Ainda segundo Mohs (2008), o moral dos árabes estava elevado, porém necessitavam de mais armamentos e artilharia. O envio de efetivos britânicos poderia colocar em risco a revolta. Portanto, o apoio aos árabes seria prestado através do fornecimento de artilharia, além de instrutores para ensiná-los a operar as peças e não ficarem dependentes dos militares egípcios. Armas, metralhadoras, telegrafia sem fio e aviões seriam bem-vindos pelos combatentes árabes como assessórios apropriados e necessários para seus esforços e forneceriam muito mais valor moral do que qualquer força de combate estrangeira.

Dessa forma, o plano de Lawrence era manter uma força de tribos árabes com grande mobilidade, capaz de enfrentar uma força turca distraída por táticas de guerrilha, assediando postos avançados turcos, além de outra força compondo-se defensivamente em torno de Rabegh, como um escudo, onde o treinamento de um exército árabe regular continuaria. Assim que os turcos ficassem encurralados em Medina e na ferrovia por forças irregulares árabes, Medina poderia ser conquistada por uma força árabe adequada (MOHS, 2008).

Lawrence enfatizava que a força de guerrilha das tribos era a única vantagem sólida contra as forças convencionais do exército turco. Acreditava que uma pequena força turca poderia retomar Meca, porém, se os árabes mantiverem a sua determinação, seria impossível os turcos mantê-la. Mesmo uma ofensiva turca bem-sucedida exigiria uma proteção das linhas de comunicação e de um desembarque aliado em Rabegh. Assim sendo, o efetivo turco no Hejaz não era suficiente para tal disposição no terreno (MOHS, 2008).

Assim sendo, segundo Visacro (2010), o plano era ampliar a área de influência árabe, conquistando Akaba:

Nosso objetivo era o de procurar o elo material mais fraco do inimigo e atacá-lo com exclusividade, até que toda a estrutura desmoronasse. Nossos maiores recursos, os beduínos, sobre os quais deveríamos basear toda a guerra, não estavam acostumados a operações formais, mas ofereciam as vantagens da mobilidade, da resistência, a confiança, do conhecimento do terreno e da coragem. No caso deles, a dispersão era a força. Assim, deveríamos ampliar nossa frente ao máximo, a fim de impor aos turcos a defesa passiva mais longa possível, já que essa era a forma de guerra mais custosa para eles em termos materiais (VISACRO, 2010, p. 69).

A vitória da revolta dependia do apoio dos xeques beduínos, que se materializava por

²⁵ No original em inglês: The Hejaz war is one of dervishes against regular troops – and we are on the side of the dervishes. Our text-books do not apply to its conditions at all. It is the fight of a rocky, mountainous, ill-watered country (assisted by a wild horde of mountaineers) against a force which has been improved – so far as civilised warfare is concerned – so immensely by the Germans, as almost to have lost its efficiency for rough and tumble work.

um juramento de lealdade à Faissal. Portanto, Lawrence, Faissal e os demais integrantes se dividiram na Península Arábica para negociar com os xeques das diversas tribos, disseminando o ideal nacionalista e angariando o apoio (VISACRO, 2010).

Após a conquista de Akaba, o próximo passo era a conquista da Síria. Dessa forma, os britânicos se utilizaram da guerrilha para lhes favorecer na guerra. Forneceram um grande apoio logístico para a revolta, com suprimentos e viaturas blindadas sobre rodas. Com isso, os rebeldes poderiam comprometer as linhas de comunicação e o fluxo logístico pela ferrovia do Hejaz, causar danos à sua infraestrutura, fustigar guarnições isoladas, provocar baixas aos turcos, contribuir com a busca de informações e ainda proteger o flanco direito do exército britânico (VISACRO, 2010).

Nesse ínterim, os turcos planejaram uma contraofensiva para a reconquista de Akaba. Reuniram, em Maã, seis mil soldados de infantaria, apoiados por um regimento de cavalaria, artilharia e aviação. Posições rebeldes em Guweira estavam seriamente ameaçadas. Porém os árabes posicionaram guerrilheiros nas ruínas de Petra, que repeliram facilmente o ataque turco. Além disso, realizaram incursões para inquietar postos inimigos. Mas o que realmente fez a diferença foi a aviação britânica, que realizou incursões em Maã e Aba el Lissan, acabando com as possibilidades de uma contraofensiva ser bem-sucedida (VISACRO, 2010).

Segundo o mesmo autor, as incursões à ferrovia se tornaram cada vez maiores, de forma que em quatro meses, dezessete trens turcos foram atacados. Com isso, as tropas otomanas em Medina não estavam recebendo suprimentos convenientemente e tampouco poderiam ser evacuadas. Assim, sem suprimentos, não poderiam nem atacar e nem se retirar. Ficaram condenados a realizar uma defensiva em posição (VISACRO, 2010).

Conforme a Grande Guerra foi evoluindo, a Grã-Bretanha começou a se preparar para avançar na Palestina. A partir daí começou a exigir dos árabes uma ação mais efetiva de modo a justificar o seu “investimento”. Entretanto Lawrence foi contrário à ideia de empregar os rebeldes em ataques de grande vulto (VISACRO, 2010).

Dessa forma, Lawrence idealizou um ataque na retaguarda profunda do inimigo, a fim de destruir uma ponte ferroviária sobre o rio Yarmuk, ao norte. Assim, contribuiria com a ofensiva britânica, cortando a retirada dos exércitos turcos, quando estes sofressem pressão. Porém a expedição não deu certo e no seu regresso para a base em Akaba, ainda conseguiram descarrilhar um trem que transportava reforços para o front e o comandante do 8º Exército

turco, Mehmed Jemal Pasha²⁶. Todas as ações não foram decisivas, mas contribuíram para o sucesso britânico na Palestina, onde conseguiram chegar à Jerusalém (VISACRO, 2010).

Porém, inesperadamente, o exército turco realizou uma contraofensiva em Tafilah. Com um Regimento de Infantaria, atacou a cidade a fim de reconquistá-la. O primeiro pensamento rebelde foi retirar-se, mas Lawrence não quis deixar de apoiar a população local, deixando-os sob o risco de retaliações turcas. Assim, utilizou-se dos conceitos de Guerra de Atrito²⁷, estabeleceu uma defensiva, onde ganhou tempo para reunir revoltosos e atacou, expulsando a tropa turca. Portanto, as destruições de um regimento inimigo e de suas embarcações retomaram a credibilidade da tropa rebelde. Os britânicos exigiam uma vitória a leste do mar Morto (VISACRO, 2010).

Os britânicos precisavam atravessar o Rio Jordão e conquistar posições para se estabelecerem na Península Arábica. Porém, aconteceu um revés na guerra e tiveram que realocar meios da Força Expedicionária do Egito para a Europa, a fim de conter a ofensiva alemã. Os turcos não aproveitaram esse momento, em virtude de estarem desgastados pela ação da aviação britânica e dos guerrilheiros, que degradaram o sistema ferroviário, impedindo-os de concentrarem meios necessários para um ataque de grande vulto (VISACRO, 2010).

Segundo Visacro (2010), para conquistar o Oriente Médio, os britânicos planejaram um ataque ao norte para conquistar Damasco. Para isso, foi planejada uma ação diversionária em Deraa pelos rebeldes. Assim, os revoltosos se estabeleceram em Azrak e partiram para as incursões. Deram início por três ramais ferroviários que começavam de Deraa, isolando a Síria da Palestina, impedindo os turcos de reforçarem o Sul ou se retirarem para o norte. Tal feito foi conseguido com a combinação de carros blindados, guerreiros tribais e apoio de fogo aéreo.

Com a ofensiva britânica ao norte, os insurgentes conquistaram Deraa e estabeleceram um governo civil na cidade. Percebendo que o inimigo estava em fuga, os perseguiram rumo

²⁶ Comandante do 8º Exército Turco. Também conhecido como Cemal Pasha. Oficial do exército turco e um dos principais membros do governo otomano durante a Primeira Guerra Mundial. Disponível em: <<https://www.britannica.com/biography/Cemal-Pasa-Turkish-political-leader>>. Acesso em: 30 de julho de 2023.

²⁷ Estilo de guerra apropriado ao emprego de Força que tenha de se engajar em combate, em condições favoráveis para o emprego do princípio da massa ou em áreas de frentes não muito amplas que facilitem a concentração de seu poder de combate (BRASIL, 2020a).

a Damasco. Sendo assim, em 1º de outubro de 1918, os rebeldes entraram em Damasco e hastearam a bandeira árabe no prédio da municipalidade, encerrando a Revolta Árabe (VISACRO, 2010).

Ainda segundo Visacro (2010), conforme observou o historiador Trevor Wilson, em se tratando de aspectos militares:

[...] a Revolta Árabe foi um exemplo extraordinário do que poderia ser conseguido pelas táticas de guerrilha. Dezenas de milhares de soldados regulares turcos foram aferrados por um adversário mal capaz de engajar uma brigada de infantaria num combate convencional. Tal economia de forças foi rara em ambos os lados nesta guerra (VISACRO, 2010, p. 105).

Portanto, a Revolta Árabe foi um exemplo de insurgência. Movida por uma causa árabe, um sentimento nacionalista, com uma religião em comum, o islamismo, uniu todas as tribos da Península Arábica. Surgiu através de sociedades secretas insatisfeitas com o regime otomano. Foi consolidada por um líder que tinha o respeito de todas as tribos. Além disso, obteve o financiamento dos britânicos, que passavam por dificuldades para conquistar terreno no Oriente Médio. Com isso, pode-se verificar ações de pequenos grupos, rápidas e pontuais, as quais desgastaram as tropas turcas, que foram obrigadas a dispersar suas defesas. Desta forma, um grupo de efetivo muito menor conseguiu enfraquecer um grupo muito maior e mais forte e, com o apoio britânico, derrotá-lo.

4 APLICAÇÃO DA TEORIA

Neste capítulo será feito um correlacionamento entre a teoria de contrainsurgência de David Kilcullen e as ações empregadas pelo Exército Turco-Otomano para se contrapor à Revolta Árabe. Dessa forma, será verificada a aderência desta teoria em um conflito tão importante para o desfecho da Primeira Guerra Mundial.

Segundo tal teoria, contrainsurgência seria qualquer ação realizada por um governo para se contrapor a uma insurgência. Diante deste conceito é possível perceber a dificuldade e o quão complexo é estabelecer ações no terreno para eliminar totalmente as forças irregulares, pois além da amplitude das ações, cada movimento terá suas características peculiares, obstando o estabelecimento de padrões para serem aplicados em todos.

O ponto chave é entender que a fonte de força, o centro de gravidade, do movimento insurgente é a população. Sem este apoio não conseguem desenvolver nenhuma ação. Portanto, eliminar a influência dos rebeldes na população é determinante para a extinção da insurgência. Para isso, as operações de inteligência são fundamentais para entender como é o cotidiano da população, identificar lideranças e assim, estabelecer vínculos fortes para que o povo aja de acordo com os interesses da força contrainsurgente.

Analisando a Revolta Árabe sob esse prisma, pôde-se verificar a deficiência das tropas Turco-Otomanas no desenvolvimento de operações de inteligência. Tal deficiência é comprovada observando-se como foi iniciada a revolta. Os árabes se organizaram em toda Península Arábica em sociedades secretas. Dentro delas traçaram todos os planos para conquistar as cidades mais importantes. Além disso, os turcos não perceberam que os árabes militares do exército otomano estavam insatisfeitos e se organizaram para aderir à revolta.

Outro aspecto importante que comprova a falta de informações dos turcos é o tratamento dado ao Xarife de Meca, Hussein Ibn Ali. Após terem tirado o seu prestígio perante os árabes, pois era descendente de Maomé, solicitou-lhe apoio contra a Tríplice Entente. Porém, por falta de informações, não perceberam que os árabes, após a Turquia ter realizado a aliança com a Alemanha, um país não islâmico, nunca os apoiariam em uma guerra. Com essa atitude, os otomanos cometeram um erro primordial em uma contrainsurgência: não trabalharam a inteligência a fim de identificar as lideranças para que formassem suas redes locais, convencendo a população a apoiar a causa turca. O que aconteceu foi uma maior aderência à revolta, aumentando cada vez mais o número de insurgentes, pois impuseram

suas leis e estabeleceram suas regras, não se importando com os anseios da sociedade, dificultando a interação.

Os britânicos, por intermédio de Thomas Edward Lawrence, analisaram detalhadamente as formas de agir da sociedade árabe. Conseguiram identificar seu cotidiano e seus líderes. Perceberam que o povo árabe era formado por diversas tribos independentes. Cada tribo tinha sua liderança. Juntá-los para lutarem como um grande exército, sob ordens únicas, realizando atividades convencionais era extremamente inviável. Sendo assim, Lawrence sugeriu separá-los em diversos pequenos grupos, realizando ataques pontuais, com o objetivo de desgastar o inimigo, degradando o seu fluxo logístico.

Dessa forma, verifica-se que os turcos, assim como os nazistas e os romanos, não se preocuparam em buscar o apoio da população na Península Arábica. Eram organizados de tal forma que sempre havia um turco no poder central da região, com alguns árabes, corrompidos pela vontade do poder e vantagens perante os outros, servindo-os diretamente. Tais árabes eram considerados traidores pelo restante da população.

Esse sentimento de traição por parte da população árabe pôde ser comprovado quando o militar britânico, Thomas Edward Lawrence, iniciou a cooptação entre os árabes. Muitos deles viram a possibilidade de se redimirem perante a sociedade, lutando por uma causa árabe, ao lado dos revoltosos. Se não tivessem essa oportunidade dada, saberiam que seriam punidos pelas suas atitudes passadas. Foi uma grande percepção que auxiliou os rebeldes com militares treinados e experientes e, ao mesmo tempo, aumentou o efetivo dos revoltosos.

Portanto, a inteligência é a basilar em uma contrainsurgência. Sua deficiência fez com que os turcos não entendessem como funcionava a sociedade árabe, seu cotidiano, seus líderes locais, suas tribos. Com isso, não conseguiram construir dentro da mentalidade árabe uma narrativa única. Como abordado no capítulo dois, essa narrativa é essencial para a população se convencer dos benefícios que a tropa contrainsurgente pode gerar para a sociedade. Fazer com que percebam que as tropas podem prover segurança, podem apoiar um governo legítimo e que aderir à insurgência seria a pior opção.

Superada a necessidade de uma inteligência atuante, outro aspecto importante em uma luta de contrainsurgência é a fluidez dos rebeldes. Estes não têm responsabilidade nem compromisso em defender nenhuma instalação. Sendo assim, os turco-otomanos sofreram com isso, pois os insurgentes realizaram diversos ataques na ferrovia do Hejaz, obrigando a

tropa turca se dispersar no terreno, defendendo diversos pontos da ferrovia, ficando cada vez mais vulnerável aos ataques rebeldes. Estes ataques minaram as tropas, interrompendo, diversas vezes, o fluxo logístico.

Mantiveram uma estrutura de combate contra forças convencionais. Diante destes diversos ataques, começaram a aumentar o número de militares no terreno, de forma a defender uma larga frente. Porém, os interesses dos rebeldes não era realizar um grande ataque, buscando o atrito. Assim, começaram a realizar pequenos ataques, desgastando os turcos e degradando sua logística. Juntando aos imprevistos advindos do desenrolar da Primeira Guerra Mundial, minaram as defesas turcas levando-as à derrota.

Em um aspecto teórico, pôde-se observar um equívoco turco na escolha do centro de gravidade²⁸ rebelde. Suas ações no terreno deixaram claro que definiram os próprios revoltosos como a fonte de poder do movimento. Dessa forma, concentraram-se em enfrentá-los diretamente. Isso não foi possível pela fluidez dos insurgentes, além da aderência de toda a população à revolta.

Dentro da estratégia de desgaste²⁹, importante é sempre manter a iniciativa³⁰. E o que foi observado, com raras exceções, os turcos dificilmente mantiveram a iniciativa do combate. Estavam sempre reagindo ao que os rebeldes propunham. Uma exceção a isso foi quando, em meio ao cerco em Medina, o comandante das tropas turcas sitiadas tomou a iniciativa e atacou posições árabes, ameaçando Meca. Esta ação surpreendeu os árabes e caso o ressurgimento dos turcos não tivesse tão prejudicado, poderiam ter desestruturado as forças rebeldes. A envergadura do ataque foi tão significativa que por pouco não conquistaram Meca, além de dismantelar duas posições árabes de extrema importância.

Por sua vez, o que aconteceu na maioria do período da revolta foi a manutenção da iniciativa por parte dos árabes. Isto verificou-se desde o início do movimento, quando da organização em sociedades secretas, planejando cada passo que seria dado. A cooptação de grande parte dos árabes servindo no exército turco, o convencimento das tribos em lutarem

²⁸ Para o autor, centro de gravidade seria onde a força moral ou física, liberdade de ação ou vontade de agir se originam. É a fonte de poder. Também pode ser chamado de COG (*center of gravity*) (EUA, 2016).

²⁹ Seria a de Frederico II, incapaz de aplicar um golpe decisivo por causa da fraqueza de seus meios e logo condenado a fatigar seu adversário por uma série de golpes parciais. Contrariamente ao que sugerirão mais tarde seus críticos, a estratégia da desgaste não exclui necessariamente a batalha (COUTAU-BÉGARIE, 2010).

³⁰ Na contrainsurgência, a iniciativa é tudo. Se o inimigo está reagindo a você, você controla o ambiente. Desde que você mobilize a população, você vencerá (KILCULLEN, 2010).

por um sentimento nacionalista e uma causa árabe, são exemplos da iniciativa que os árabes tiveram. Além disso, observando o efetivo menor e a dificuldade em se organizar em grandes exércitos, os árabes, assessorados por britânicos, iniciaram a revolta com diversos pequenos ataques. E continuaram dessa forma, desgastando as tropas convencionais que ora estavam no poder.

Lawrence deixa claro quando traça a sua estratégia para a revolta, mostrando que a conquista de terrenos e regiões eram menos importantes do que ter a iniciativa do combate, desgastando o inimigo, mantendo-o confuso sobre onde serão atacados e infringindo-os baixas e evitando ao máximo baixas insurgentes e combates desnecessários. Sendo assim, impuseram um dilema ao exército convencional, que, para manter toda a região sob seu domínio, precisariam de um efetivo absurdamente grande para se contrapor aos insurgentes e manter a estabilidade na região. Importante ressaltar que os turcos estavam envolvidos com a Primeira Guerra Mundial e seus percalços, onde grande efetivo de suas tropas estava sendo empregado em outras frentes. Assim, não tinham disponíveis soldados suficientes para se contrapor à insurgência.

Dessa forma, com os insurgentes mantendo a iniciativa do combate, realizando pequenos ataques em lugares inesperados, impondo diversas baixas aos turcos, gerou-se um grande problema para as tropas convencionais que se restringiram a uma defensiva aos ataques rebeldes. O erro na determinação do centro de gravidade gerou problemas nos planejamentos que culminou para uma paralisia turca, que ficou apenas respondendo às investidas árabes, sem nenhuma iniciativa no combate.

Pode-se identificar na teoria de David Kilcullen que o apoio da população ao contrainsurgente é um ponto chave. A partir deste, pode-se dar suporte às ações desenvolvidas no terreno e obtém-se uma vantagem decisiva sobre o inimigo, atuando diretamente sobre o seu centro de gravidade.

O apoio da sociedade às tropas convencionais facilita o estabelecimento de uma narrativa única, que provê os argumentos necessários para convencer a população da legitimidade ao governo. Tal ponto é importante para a estabilidade do país e quebra da influência dos insurgentes na população. Um governo legítimo, reconhecido pelo povo traz organização para a sociedade, com a possibilidade do estabelecimento de leis.

Com um governo legítimo e o apoio das tropas convencionais, há o convencimento da população de que os atores que estão lutando contra a insurgência poderão prover a

segurança necessária. Neste ponto pode-se identificar mais um erro das tropas turcas, que impuseram um governo e suas leis, de forma que toda a sociedade árabe não estava satisfeita. Portanto, o povo árabe não se sentia protegido pelas forças contrainsurgentes, gerando um descontentamento generalizado e aumentando ainda mais o apoio à insurgência.

Além de todos os pontos ressaltados anteriormente, o financiamento externo foi muito importante para o sucesso da revolta. Observa-se que, primeiramente, além do apoio financeiro, as lideranças árabes queriam tropas britânicas para os auxiliar. Porém, sabiamente, Lawrence não desvinculou o financiamento externo ao apoio popular. Foi prestado o apoio com armamentos e equipamentos e alguns militares especialistas que executavam tarefas específicas. Mas os árabes continuaram sendo o contingente principal. Esta estratégia fez com que o ímpeto do movimento não fosse perdido, pois estavam envolvidos pelo sentimento nacionalista e à causa árabe. O envio de tropas ocidentais poderia gerar um descontentamento na sociedade árabe que não confiava em ser defendida por elas e após o conflito não ser subjugado pelos ocidentais, assim como estavam sendo pelos turco-otomanos.

Sendo assim, pôde-se analisar todos os aspectos relacionados ao apoio popular em uma contrainsurgência. A população sendo favorável à contrainsurgência reflete em vários níveis de decisão, até mesmo o político. Analisando a teoria de David Kilcullen e correlacionando com a Revolta Árabe, pode-se verificar a aderência de suas ideias. Caso as tropas turco-otomanas aplicassem essa teoria, aumentariam suas chances de êxito. Dessa forma, é de extrema importância tratar a população de acordo com suas características, entendendo seu cotidiano e identificando suas principais lideranças, tratando-a como centro de gravidade. Este é o princípio básico para o êxito de uma contrainsurgência.

5 CONCLUSÃO

O objetivo da pesquisa foi analisar os procedimentos adotados pelas tropas turco-otomanas na contrainsurgência na Revolta Árabe, entre 1916 e 1918, de modo que pudesse ser observada aderência ou não com os conceitos de contrainsurgência da teoria de David Kilcullen, no que tange aos mecanismos utilizados para obtenção do apoio popular.

Sendo assim, percebe-se que durante a conquista da Península Arábica, os Turco-Otomanos estabeleceram suas leis e seu governo. Após isso, durante a Primeira Guerra Mundial tiveram que enfrentar uma insurgência árabe que queriam a unificação da Península Arábica. Desta forma, foi analisado se as ações tomadas pelas tropas otomanas de forma a verificar a não aderência com a teoria de contrainsurgência de David Kilcullen.

Para atingir o objetivo, a pesquisa foi estruturada em três capítulos de desenvolvimento. Um capítulo com os aspectos teóricos de contrainsurgência de David Kilcullen, focando na aquisição do apoio popular. No capítulo seguinte foi analisada a insurgência na Revolta Árabe e suas ações assessoradas pelos britânicos, em especial, o coronel Thomas Edward Lawrence, identificando os principais contrapontos realizados pelas tropas convencionais otomanas. No capítulo final do desenvolvimento comparou-se os procedimentos adotados pelos turcos em oposição às ações insurgentes árabes com a teoria de David Kilcullen, no que diz respeito ao apoio da população.

A teoria de contrainsurgência de David Kilcullen é de 2010, recente em relação ao conflito em lide. Porém, seus conceitos poderiam ser aplicados àquela época. Fato este quando é citado a importância do apoio popular. A influência das forças irregulares sobre a população é considerada o centro de gravidade. A dificuldade para obter esse apoio transcende qualquer época, uma vez que o insurgente surge da própria população, onde muitos deles são filhos, maridos, parentes. Com isso, para a conquista deste ponto, que é considerado o principal em sua teoria, Kilcullen enfatiza a grande relevância das operações de inteligência. Quando bem elaboradas possibilitam às tropas contrainsurgentes identificarem os principais líderes locais e estabelecerem uma conexão com os populares, pois permitem compreender seu cotidiano, sua cultura, suas necessidades. Assim, é possível construir uma narrativa única, que criará um sentimento de confiança e proteção, de tal forma que ajudarão na campanha contra os rebeldes, fornecendo informações para a manutenção da iniciativa das ações.

A Revolta Árabe foi um movimento insurgente gerado pela insatisfação popular com o governo turco, fortalecido por um sentimento nacionalista, uma causa árabe e uma religião em comum, o islamismo. Nasceu com as principais lideranças populares se reunindo em sociedades secretas e com os árabes dentro do exército turco. Inicialmente passaram por grandes dificuldades, pois se organizaram como um exército convencional. Após o financiamento e assessoria britânicos, em especial de Thomas Edward Lawrence, passaram a atuar em pequenas frações, realizando ações pontuais com o intuito de desgastar as tropas turcas e romper seu fluxo logístico. Por sua vez, os otomanos lidaram com a revolta como uma guerra convencional. Não se importaram com a insatisfação popular com o governo e impuseram suas leis, gerando um descontentamento ainda maior e um favorecimento ao apoio à insurgência. Buscaram sempre o confronto direto com os rebeldes. Por essa razão, dispersaram suas tropas ao longo da Ferrovia do Hejaz, de modo a defendê-la. O efeito foi enfraquecer-se e perderem a iniciativa das ações, que desgastados, uma tropa com um efetivo maior, foram derrotados.

Após o entendimento teórico e o conhecimento histórico do conflito, comparou-se os procedimentos das tropas turco-otomanas com a teoria supracitada. Foi observado a não preocupação dos turcos em buscar o apoio popular e uma legitimação do seu governo. Tal descaso foi amplificado com uma grande deficiência em operações de inteligência. Esta lacuna gerou um desconhecimento do movimento insurgente que ora estava erguendo-se. Além disso, não conseguiram identificar as características da população árabe, identificando seus principais líderes e entendendo o seu cotidiano. Com isso, tiveram dificuldade para manter a iniciativa das ações, respondendo sempre às investidas rebeldes.

Outro aspecto importante a ser ressaltado foi a insistência em eliminar os rebeldes, indo de encontro à teoria sobredita. Estes não tinham responsabilidade na manutenção de posições no terreno. Por conseguinte, não tinham interesse em grandes embates, buscando ações rápidas e com o mínimo de baixas, desgastando as tropas convencionais. Sendo assim, nota-se que as ações turco-otomanas para encerrar com o movimento insurgente foram de encontro com a teoria proposta na pesquisa.

De acordo com o que foi proposto, o desenvolvimento desta pesquisa teve como propósito responder se as ações tomadas pelas tropas turco-otomanas contra os insurgentes durante a Revolta Árabe (1916-1918) tiveram aderência com a teoria de David Kilcullen, no que tange ao apoio popular. Assim pode-se afirmar que os turco-otomanos adotaram uma

postura de guerra convencional e suas ações não tiveram aderência à referida teoria.

Sugere-se, como possibilidade de pesquisa futura, analisar se as ações dos britânicos durante a Revolta Árabe tiveram aderência à teoria de contrainsurgência de David Kilcullen, no que tange ao financiamento e treinamento dos insurgentes.

Por fim, constata-se uma relevante implicação para a Marinha do Brasil em tirar lições aprendidas dos procedimentos adotados por uma tropa convencional em uma guerra irregular. Tais conflitos estão cada vez mais presentes. As novas perspectivas sobre como combater estas guerras são necessárias para ampliar a visão para as possibilidades que se apresentam, além de atualizar a doutrina para que se possa atuar em situações cada vez mais complexas.

REFERÊNCIAS

BLAINEY, Geoffrey. *Uma Breve História do Século XX*. São Paulo: Editora Fundamento Educacional, 2008. 308 p. Título original: *A short history of the 20th century*

BRASIL. Comando-Geral do Corpo de Fuzileiros Navais. CGCFN 0-1. **Manual Básico dos Grupamentos Operativos de Fuzileiros Navais**. Rio de Janeiro: Marinha do Brasil, 2020a.

_____. Comando-Geral do Corpo de Fuzileiros Navais. CGCFN 2-5. **Manual de Operações Contra Forças Irregulares de Fuzileiros Navais**. Rio de Janeiro: Marinha do Brasil, 2020b.

_____. Ministério da Defesa. MD35-G-01. **Glossário das Forças Armadas**. 5ª Ed. Brasília, 2015.

CASSIDY, Robert M. *Counterinsurgency and the Global War on Terror: Military culture and irregular warfare*. Westport. Ed. Greenwood Publishing Group. 2006. 211 p

CLAUSEWITZ, Carl Von. *Da Guerra*. Editora Martins Fontes. 2010.

COUTAU-BÉGARIE, Hervé. **Tratado de Estratégia**. Rio de Janeiro: Escola de Guerra Naval, 2010.

KILCULLEN, David. *Counterinsurgency*. Nova Iorque: Ed. Oxford. 2010. 251 p.

ENCICLOPÉDIA BRITANNICA. **Abbasid Caliphate**, julho, 2023. Disponível em: <<https://www.britannica.com/topic/Abbasid-caliphate>>. Acesso em: 07 de julho de 2023.

_____. **Cemal Pasha**, julho, 2023. Disponível em: <<https://www.britannica.com/biography/Cemal-Pasa-Turkish-political-leader>>. Acesso em: 30 de julho de 2023.

_____. **Dervishes**, julho, 2023. Disponível em: <<https://www.britannica.com/topic/dervish>>. Acesso em: 29 de julho de 2023.

_____. **Hejaz**, julho, 2023. Disponível em: <<https://www.britannica.com/place/Hejaz>>. Acesso em: 30 de julho de 2023

_____. **Hejaz Railway**, julho, 2023. Disponível em: <<https://www.britannica.com/topic/Hejaz-Railway>>. Acesso em: 30 de julho de 2023.

_____. **Otto Liman Von Sanders**, julho, 2023. Disponível em: <<https://www.britannica.com/biography/Otto-Liman-von-Sanders>>. Acesso em: 30 de julho de 2023.

EUA. Combined Arms Doctrine Directorate. *FM 3-24/MCWP 3-33.5: Counterinsurgency Field Manual*. Washington, D.C, 2006. 419 p

_____. Department of Defense. Joint Publication 1-02. *Dictionary of Military and Associated Terms*. Washington, DC, 2016.

GALULA, David. *Counterinsurgency Warfare: Theory and Practice*. New York and London: Frederick A. Praeger, Inc., 1964. 118 p.

MOHS, Polly. *Military Intelligence and the Arab Revolt: The first modern intelligence war*. Oxfordshire: Ed. Routledge, 2008.

NICOLLE, David. *Lawrence and the Arab Revolts*. Oxford: Osprey Publishing, 1989.

UNSW. **David Kilcullen**, julho, 2023. Disponível em: <<https://www.unsw.edu.au/staff/david-kilcullen>>. Acesso em: 13 de julho de 2023.

VISACRO, Alessandro. *Guerra Irregular Terrorismo: guerrilha e movimentos de resistência ao longo da história*. São Paulo. Ed. Contexto, 2009. 376 p.

VISACRO, Alessandro. *Lawrence da Arábia*. São Paulo. Ed. Contexto, 2010.

ANEXO A



Figura 1 – Península Arábica

Fonte: <<http://www.asia-turismo.com/mapas/arabia.htm>>. Acesso em: 04 de julho de 2023.

ANEXO B

Fronteiras do Império Otomano



Figura 2 - Ascensão do Império Otomano

Fonte: <<https://www.megatimes.com.br/2017/11/Imperio-Otomano.html>>. Acesso em: 04 de julho de 2023.

ANEXO C

A PENÍNSULA ARÁBICA



Figura 3 - Península Árabe - Ferrovia do Hejaz
 Fonte: VISACRO, 2010, p. 44

ANEXO D

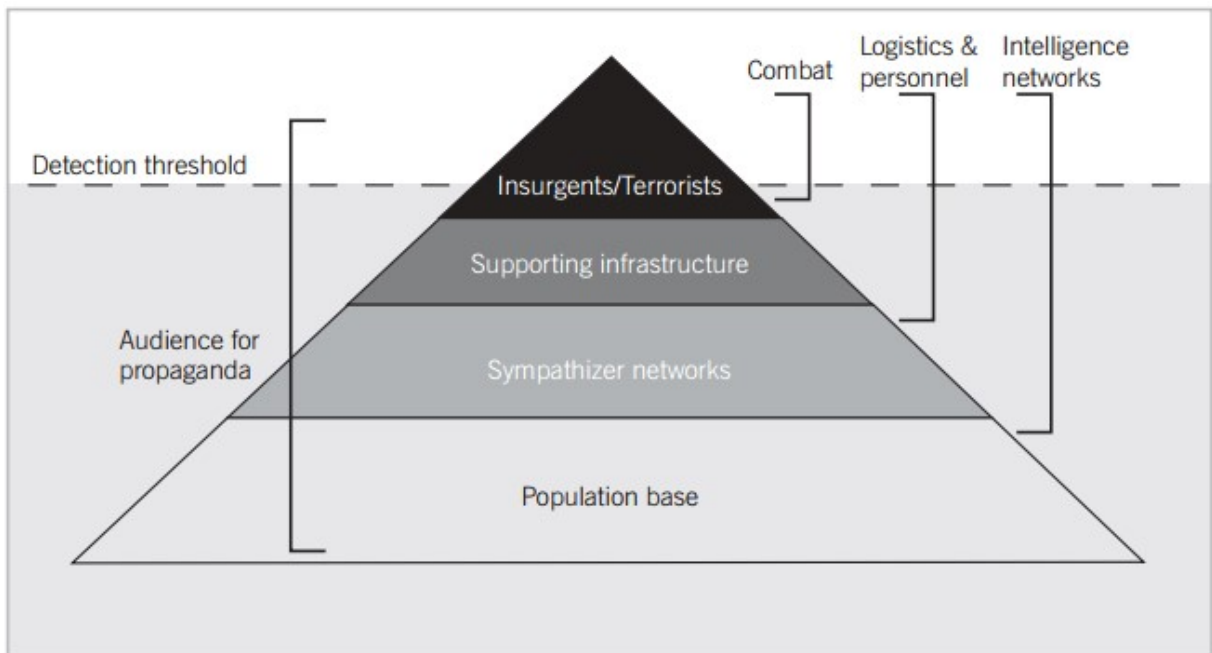


Figura 4 - Elementos da superfície e abaixo de uma insurgência

Fonte: KILCULLEN, 2010, p.